



CAVALARIA: A ARMA, AS MISSÕES E OS MEIOS

Nilson Vieira Ferreira de Mello

"Vão uns pelo largo campo da ambição soberba, outros pelo da adulação servil baixa, outros pelo da artificiosa hipocrisia, e alguns pelo da religião sincera. Eu, porém, inclinado à minha estrela, vou pela estreita senda da CAVALARIA por cujo exercício desprezo a Fazenda, mas não a honra."

D. Quixote de La Mancha – CERVANTES

INTRODUÇÃO

Tem sido comum confundir-se a Cavalaria com o meio por ela empregado, na maior parte da sua história, para cumprir suas missões: o cavalo. Essa identificação da Arma com o instrumento, se bem que natural, tem levado os menos avisados a conclusões falsas. Julgam estes que a Arma está ultrapassada porque ultrapassado está aquele meio de conduzir o homem ao combate. Concluem, então, que como a guerra não mais comporta o combatente a cavalo, não haveria mais Cavalaria. A prevalecer essa idéia falaciosa não deveríamos considerar infantes os modernos guerreiros, que sobre viaturas blindadas de transporte de pessoal, vão ao encontro do inimigo ao invés de fazê-lo sobre sandálias de legioná-

rios romanos ou borzeguins de fuzileiros do Marne. Afinal, em termos de evolução do material, o carro-de-combate está para o cavalo como a arma automática para o bacamarte e o míssil para a bombardarda.

A história da Cavalaria, como de resto a de suas co-irmãs, constituiu-se numa longa série de adaptações às mutáveis condições da guerra. Essa evolução de meios e de formas de emprego não resultou, porém, de um mero esforço de sobrevivência em face de fatores adversos, mas da comprovada permanência de determinadas necessidades operacionais cuja satisfação exige certas características, próprias da Arma do movimento e da manobra. Na realidade, os modernos meios, postos à disposição da Cavalaria pela tecnologia hodierna, notadamente os blinda-

dos e os helicópteros, vieram aumentar suas possibilidades, acentuando suas características e tornando-a mais apta ao cumprimento de suas missões tradicionais.

Os cavalarianos de hoje, fiéis ao espírito da Arma, conquanto se orgulhem dos louros gloriosamente conquistados pelos seus antepassados no dorso do "nobre amigo", não se ufanam menos dos fulgurantes êxitos obtidos na 2ª Guerra Mundial pelas formações blindadas, herdeiras naturais da vocação manobreira da Cavalaria.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Os ancestrais mais remotos do cavalo surgiram, sobre o planeta, na América há cerca de 60 milhões de anos. Eram animais de pequeno porte, medindo em torno de 25 cm de altura (talhe de uma raposa) e que tinham quatro dedos nas patas dianteiras e três nas traseiras. Através dos milênios da pré-história, esses mamíferos foram evoluindo até que, há um milhão de anos atrás, alcançaram configuração próxima da atual, bem maior, e tendo nas patas apenas um dedo, recoberto de casco. Essa nova família da espécie "equus", formada no continente americano, emigrou na direção norte até cruzar o estreito gelado de Bering, espalhando-se pela Ásia e atingindo a Europa. Caso não houvesse ocorrido essa extraordinária migração, a história da humanidade, em grande parte erigida com o emprego dos eqüinos, teria sido muito diferente. É que o cavalo extinguiu-se no seu "habitat" primitivo antes mes-

mo do aparecimento do homem sobre a terra, em consequência, presume-se, de uma excepcional mortífera epidemia. Assim, se a espécie não houvesse atingido a Ásia e, de lá, alcançado a Europa, o homem não teria sequer conhecido esse valioso colaborador da sua obra civilizadora.

O homem primitivo, caçador por instinto e necessidade, encarava o cavalo apenas como mais uma presa capaz de fornecer-lhe alimento. Mas, no terceiro milênio a.C., nas vastas estepes asiáticas, surgiram povos que, em seus constantes deslocamentos em busca de áreas mais favoráveis à caça, acabaram por domesticar o cavalo. E o fizeram — é curioso notar — não para utilizá-lo como meio de transporte, mas como reserva alimentar, isto é, como provedor de leite e de carne. E, para tanto, faziam-se acompanhar, nas longas travessias das vastidões asiáticas, de manadas de éguas, pois os garanhões, além de não fornecerem leite, eram muito indóceis e difíceis de manusear.

Durante milhares de anos, montar a cavalo permaneceu assim uma habilidade desconhecida, mesmo para aqueles povos que já se utilizavam dos eqüinos. Aliás, é oportuno salientar, esses povos usavam, para capturar os animais, métodos tão brutais que quase sempre os inutilizavam para outros fins que não o de fornecer alimentos.

A primeira notícia da utilização do cavalo na guerra data de 1500 anos a.C. Curiosamente, o nobre animal, que viria a formar com o

homem um extraordinário binômio de combate, surgiu no campo-de-batalha puxando carros. Isto se deu durante a onda de invasões da Mesopotâmia por hordas nômades, provenientes da Ásia central. Aqueles carros, dos quais o exemplo mais sugestivo é o que se encontrou pintado no estandarte de Ur, cidade sumeriana, era uma pesada viatura de 4 rodas inteiriças, isto é, sem raios, provavelmente destinada apenas a conduzir os guerreiros até o combate corpo-a-corpo. Os egípcios, mais tarde, empregaram os carros com uma plataforma móvel, com a qual podiam acercar-se velozmente do inimigo, atingi-lo com suas flechas e retornar às suas próprias linhas. Por esta razão, davam ênfase à velocidade, colocando o eixo de seus carros bem à retaguarda. Já os hititas, da Ásia Menor, usavam o poder de choque dos carros para romper o dispositivo do adversário e, por isto, colocavam os eixos das suas viaturas bem no centro para dar-lhes maior estabilidade. Assim também procediam os celtas e bretões, que tanto impressionaram os romanos por sua belicosidade.

Nota-se, desde aqueles recuados tempos, a contínua oscilação entre o emprego do cavalo como uma arma de choque, capaz de penetrar no dispositivo do inimigo graças ao "momento" de sua carga, ou como um meio veloz de cerrar sobre o adversário, cobri-lo com uma chuva de projéteis e retroceder às fileiras amigas. Mas, em qualquer caso, é provável que o combatente montado em plataforma, carro, cavalo, elefante ou camelo tenha sur-

tido como resposta à conveniência de se obter uma posição dominante, na luta corpo-a-corpo. Essa categoria especial de combatentes, a par da dominância, acabou por adquirir também, como mencionamos acima, extraordinária mobilidade e potência de choque. Estavam, assim, delineadas as características que iriam propiciar o desenvolvimento da Cavalaria como Arma.

Note-se que o termo "cavalaria" não deriva — segundo afirmam alguns pesquisadores — do vocábulo "cavalo". Cavalaria viria de "cava", espécie de lança longa com que eram armados, na Antigüidade, os guerreiros que combatiam montados. Com a vulgarização do "equus" como instrumento de guerra, o próprio animal teria passado a se chamar, pelos romanos, de "caballus", e as formações de combatentes montados de "cavalaria".

Outros estudiosos são de opinião que "cavalaria" vem de "akva", palavra sânscrita que designava as plataformas utilizadas pelos persas e macedônios para obter a dominância a que nos referimos. Dario, no século IV a.C., e Alexandre, no século III da mesma era, empregaram largamente aquelas plataformas e, também, as formações a cavalo como instrumentos de combate capazes de dar-lhes as vantagens da dominância, da potência de choque e da velocidade.

Na Antigüidade, foi-se desenvolvendo o emprego de massas de combatentes montados, a princípio empiricamente e, ao depois, com razoável conhecimento das

características e possibilidades desse tipo de formação bélica. É, porém, nas Guerras Púnicas (264 a 201 a.C.) que podemos situar o surgimento da Cavalaria como Arma. Nessa campanha, os cavaleiros númidas, a serviço de Cartago, ofereceram exemplos notáveis do emprego judicioso desse tipo especial de combatente, o mais brilhante dos quais ocorreu na Batalha de Canes (216 a.C.). Aníbal, comandante cartaginês, a despeito da sua flagrante inferioridade numérica (50 mil contra 70 mil homens), soube aproveitar suas frações a cavalo, comandadas por Asdrubal e Maharbal, para envolver e aniquilar os romanos de Varro, logrando estrondosa vitória. Basta dizer que, ao final dos combates, os romanos tiveram 48.000 mortos e 13.000 prisioneiros, contra a perda de somente 6.000 cartagineses. Ainda nesse período histórico, salientaram-se alguns grandes guerreiros asiáticos, como Gengis-Khan e Átila, por suas assombrosas expedições sobre a Europa, conduzindo imensas hordas de cavaleiros, que semearam o horror e o pânico no Velho Continente.

Na Idade Média, a arte militar definhou. Conquanto a História registre algumas campanhas de vulto, como as Cruzadas* e a Guerra

* As Cruzadas (1096 a 1291) — Série de expedições militares (8, ao todo) destinadas a libertar a Palestina do domínio muçulmano. Essas expedições, que se desenvolveram num período de 2 séculos, somente foram possíveis graças ao espírito aventureiro da Cavalaria, instituição feudal de caráter militar, voltada à defesa da fé cristã e à prática da caridade.

dos Cem Anos,** a batalha perde suas características de entrecruzamento de massas organizadas, acionadas por um Comando. As manobras, os esquemas táticos e o exercício da liderança não prevaleceram nos duelos — séries de combates individuais — nos quais os requisitos fundamentais eram a bravura e a destreza. A Cavalaria tornou-se, então, pesada e couraçada, aludindo de suas características peculiares de mobilidade e flexibilidade. Foi, todavia, um período de absoluta predominância do cavaleiro na guerra, até que um fato novo viesse modificar o panorama.

Esse fato novo ocorreu com o aparecimento da bombardagem artilharia do canhão, na batalha de Crécy (1346), durante a Guerra dos Cem Anos. A novidade, mais do que a eficácia do tiro daquele engenho rudimentar, contribuiu para a dizimação da Cavalaria francesa diante dos quadrados da Infantaria inglesa. Crécy foi o túmulo de 1.200 cavaleiros franceses, abalando a galharda confiança dos nobres de armadura e lança, que se tiraram a possibilidade de serem derribados de suas montadas pelo impacto de simples bolas de ferro, e de ficarem, assim, à mercê do mais humilde besteiro.

Em face do insucesso, a reação da Cavalaria francesa foi no sentido de apejar para combater. E assim que, na Batalha de Poitiers (1356), ainda na mesma campanha

** Conflito entre a França e a Inglaterra (1337 a 1453) — motivado por rivalidade comercial e, sobretudo, pelo problema da sucessão da Coroa Francesa, à qual se apresentou como pretendente Eduardo III, da Inglaterra.

dos Cem Anos, vamos vê-lo a pé diante da Cavalaria inglesa, julgando estar aproveitando a experiência, dolorosamente colhida 10 anos antes. O resultado foi nova e fragorosa derrota, ocasionando a captura do seu rei, João III, o Bom, pelo Príncipe Negro, filho de Eduardo III da Inglaterra, e assim conhecido pela cor da armadura que habitualmente usava.

Estava criada a primeira dúvida sobre o emprego de uma Arma que, até então, movimentara-se com absoluto desembaraço no campo-de-batalha. Mas, a Guerra dos Cem Anos não iria terminar sem antes se restabelecer a forma adequada de emprego das massas de Cavalaria. Curiosamente, foi uma jovem camponesa de Domrémy, na Lorena, quem iria oferecer os ensinamentos corretos para a utilização do combatente montado. Joana d'Arc, com apenas 20 anos de idade, iluminada pela fé e exaltada pelo sentimento de predestinação para a tarefa de libertar a França da ocupação inglesa, mostrou que, se era temerário carregar contra o inimigo fortificado, era ainda mais insensato apear diante de suas formações a cavalo. Usando de flexibilidade no emprego da Cavalaria, logrou levantar o cerco de Orleans e conduzir Carlos VII à sagração em Reims (1429), ora carregando contra o adversário em campo raso, ora combatendo palma a palma contra posições fortificadas.

Com o passar do tempo, aperfeiçoou-se o armamento e firmou-se a importância do fogo no campo-de-batalha. Não obstante, insis-

tiam alguns cavaleiros em apresentar-se nos combates em elegantes formações de parada. Julgando a bala traiçoeira — pois disparada por mãos covardes que não ousavam enfrentar de perto os que feriam — tendiam a desprezá-la. Com isto, comprometiam a eficácia da Cavalaria como instrumento da vitória. Tal procedimento iria, em breve, determinar nova revisão do emprego da Arma.

Mais uma vez, a reação que se seguiu pecou pelo exagero. Impressionada com a crescente importância do fogo no campo-de-batalha, a Cavalaria jogou fora suas lanças e armou-se de pistolas. Os esquadrões, antes impetuosamente lançados ao "entrevero", passaram a "marchar" para o inimigo, executando uma bizarra manobra denominada "o caracol". Essa espécie de carrossel consistia em dispor os esquadrões em linhas sucessivas, de sorte que, ao aproximar-se a primeira do adversário à distância do tiro de pistola, os cavaleiros disparavam suas armas e infletiam à direita e à esquerda, deixando o campo livre à segunda. O processo deveria prosseguir até obter-se suficiente desorganização do dispositivo inimigo que permitisse o assalto final, a fio de espada. É óbvio que essas descargas de pistola não causavam o efeito desejado, ao passo que o prolongado desfilar de cavaleiros diante do adversário ocasionava muito mais baixas do que a carga fulminante. Mas, pior do que tudo, representava o abandono da mobilidade da Arma e do seu espírito ofensivo. Esse espírito seria revivido na Batalha de Recroi

(1643), na Guerra dos Trinta Anos.* O jovem General, Príncipe de Condé (tinha, então, 22 anos de idade), diante de uma situação desesperadora, lançou seus esquadrões sobre as alas e a retaguarda do dispositivo inimigo, destroçando o escol da Infantaria espanhola. A partir de então, tendo se reencontrado com suas missões características de Arma manobreira e fadada às ações decisivas, a Cavalaria mantém seu lugar no campo-de-batalha, a despeito do fogo. Afinal, haviam compreendido, os comandantes de exércitos, que se explorassem convenientemente sua mobilidade, sua passagem pela zona dos tiros eficazes do inimigo seria extremamente curta, nunca superior a 2 ou 3 minutos. E, quando ela entrava nessa zona, a ameaça que representava já era de tal ordem que, muitas vezes, o inimigo preferia fugir sem atirar.

Durante o último quartel do século XVII e todo o século XVIII, a Cavalaria conservou integralmente sua mobilidade e capacidade manobreira, malgrado o fogo. Este, aliás, não alcançava grande profundidade no campo-de-batalha; mesmo durante a fase napoleônica, o alcance dos canhões era de 400 metros e o dos fuzis de 200 metros. Todavia, não se negava mais a sua importância no combate. A

* A Guerra dos Trinta Anos (1618 a 1648) envolveu a maioria dos países da Europa. Originada da interpretação facciosa das cláusulas da paz religiosa de Augsburgo, deu margem à criação de duas ligas opostas, a "União Evangélica", dos países protestantes, e a "Santa Liga" dos católicos. Como sempre, os princípios espirituais acabaram por transformar-se em jogo de interesses dos soberanos europeus.

manobra, bem como a carga e o assalto, era sempre precedida e acompanhada dos tiros das armas de todos os calibres, na busca da vitória.

A saturação do fogo no campo-de-batalha tornava, porém, cada vez mais penoso o combate frontal. Com isto, crescia de importância a manobra de ala, em busca dos flancos e da retaguarda do inimigo. Este fato gerou nova concepção de guerra, da qual Napoleão foi mestre insuperável, e que favoreceu grandemente o emprego da Cavalaria. O grande gênio militar soube explorar magistralmente as inúmeras possibilidades da Arma do movimento, em todas as fases da batalha. Constituiu grandes massas de Cavalaria e empregou-as em missões de exploração e segurança, de forma a conhecer as intenções do inimigo e, assim, prover-se da indispensável liberdade para tomar sua própria decisão. Durante a batalha fixava o adversário e o desgastava para, a seguir, envolvê-lo e desorganizá-lo, obrigando-o a empregar suas reservas. Ao primeiro sinal de perda da capacidade de reação do inimigo, dirigia o esforço decisivo para o ponto de ruptura e culminava a batalha com tenaz perseverança, aproveitando o êxito. Assim foi em Marengo, Austerlitz, Iena, Wagram e Eylau, estrelas de primeira grandeza na fulgurante constelação de vitórias do grande Capitão.

Bonaparte organizou sua Cavalaria em 3 categorias. A primeira, considerada de elite porque voltada às ações decisivas na batalha, a Cavalaria pesada, constituída sobretudo de couraceiros. Havia

"Grande Armée", 14 regimentos desse tipo, cujos cavaleiros eram equipados com capacetes de metal, meia-armadura no peito e nas costas e dotados, como armamento, de espada e pistola. Os couraceiros montavam cavalos de porte avantajado, tanto franceses como de procedência prussiana e austríaca, e eram organizados em divisões que constituíam a espinha dorsal das reservas napoleônicas. Seu emprego consistia em buscar a decisão pela ação de choque, através da carga. Esta deveria ser cuidadosamente executada, tal como preconizara, anos antes, Frederico, o Grande, para os cavalarianos prussianos. Assim, o primeiro terço da distância entre os dispositivos amigo e inimigo deveria ser percorrido ao trote. Em seguida, deveria se passar ao galope e, nos derradeiros 50 metros, ao galope de carga, porém sempre procurando manter a formação para preservar o efeito de massa.

A segunda categoria de Cavalaria imperial, e a mais numerosa, era a constituída pelos regimentos de dragões. Estes eram unidades capazes de combater tanto montados como a pé. Recebiam por isto mesmo, parte da instrução própria da Infantaria, inclusive de combate a baioneta. Durante os preparativos para a invasão da Inglaterra, em 1805, a maior parte dos regimentos de dragões, na área de treinamento e concentração de Boulogne, na Normandia, estava a pé, embora houvesse a previsão de tornar a montá-las, após a travessia da Mancha, nos condados de Sussex e Kent.

A terceira categoria da Cavalaria francesa era a ligeira, constituída de hussardos e caçadores. Trabalhava em proveito dos Corpos-de-Exército, proporcionando-lhes segurança e informações. A esta categoria vieram juntar-se, em 1809, os lanceiros, reintroduzidos nos exércitos europeus após cerca de 200 anos de ausência. Os lanceiros, como os hussardos, têm suas origens na Europa Oriental, particularmente na Hungria e Polônia, e guardavam as tradições de mobilidade, presteza na ação e espírito de iniciativa que lhes vieram dos cavaleiros das estepes orientais. Em 1811, o Imperador converteu alguns regimentos de dragões em lanceiros, incorporando-os à sua Guarda. Os lanceiros eram empregados como uma tropa de choque, destinada a atuar contra a Infantaria em posição. Com suas longas lanças, esses cavalarianos podiam atingir os infantes armados de baioneta, antes que estes os atingissem.

Em muitas das batalhas de Bonaparte, a Cavalaria desempenhou relevante papel, quando não decisivo. Em Marengo (1800), uma situação nitidamente desfavorável aos franceses mudou com a carga dos 400 cavalarianos de Kellerman contra o flanco dos 6000 austríacos de Zach. Em Austerlitz (1806), os couraceiros de Murat carregaram sobre o flanco do dispositivo aliado, assegurando a vitória. Em Iena (1806), a Cavalaria tricolor cumpriu magistralmente seu papel após a batalha, perseguindo tenazmente os prussianos e cobrindo, em 24 dias, 800 km. Porém, a mais decisiva e brilhante ação da

Cavalaria napoleônica ocorreu em Eylau (1807). Nela, a reserva do Exército imperial, constituída de 10 700 cavalarianos, lançou-se sobre as linhas russas, cobrindo os 2 500 m que a separavam das linhas inimigas na mais arrasadora e fulminante carga que a História militar universal registra.

A Cavalaria acompanhou Napoleão também na sua derrota final. Em Waterloo, o fracasso iniciou-se quando Ney, julgando Wellington em retirada, deslocou prematuramente sua Cavalaria, inclusive os regimentos da reserva do Exército francês. O terreno, desfavorável à carga, obrigou aquela grande massa de cavalarianos (da ordem de 5 mil) a marchar ao trote, joelho com joelho, tornando-se vulnerável ao fogo da Infantaria inglesa. Um porta-estandarte dos Reais Granadeiros a Pé registra esse impressionante momento da seguinte forma:

“Nenhum dos homens presentes que tenham sobrevivido poderá esquecer, enquanto viver, a grandeza dessa carga. Percebia-se, a distância, o que parecia ser uma avassaladora e longa linha móvel que, avançando, coruscava como uma gigantesca onda de tempestade, escondendo a luz do Sol. As hostes montadas faziam trepidar a terra, batida por sua estrondosa marcha. Dizer-se-ia que nada poderia resistir ao impacto dessa terrível massa em movimento”.

Os disciplinados e denodados quadrados da Infantaria inglesa resistiram, e o fim de Napoleão coin-

cidu com portentosa derrota sua Cavalaria.

Passado o período áureo da Cavalaria napoleônica, nova crise se apresentaria com o surgimento da artilharia raiada e do canhão de retrocarga. Essas inovações, aumentando a precisão e rapidez do tiro, iriam, com o tempo, diminuir, no espírito dos cavalários, a exagerada preocupação com a segurança.

No início da guerra franco-prussiana de 1870, a Cavalaria de ambos os lados iria se colocar cada vez mais próxima da Infantaria, se não fosse o boque desta. Logo, porém, os franceses, aos alemães modificar este conceito de coisas. O 3º Corpo germânico encontrava-se, na região de Sedan, em uma posição crítica diante dos franceses, mais numerosos e mais corajosamente dispostos. Diante deste quadro desesperador, seu comandante, Gen Alvensleben, decidiu empregar arrojadamente a reserva de Cavalaria Bredow. Esta reserva, perfeitamente coberta das ações do inimigo, realizou um movimento de desbordante para cair, inesperada e presa, sobre a Infantaria e a Artilharia francesas, aniquilando-as com fulminante carga, bem diferente do estilo tradicional.

No cenário sul-americano das lutas pela independência das colônias portuguesas e hispânicas, a Cavalaria atuava com desembaraço e efetividade. Destacou-se o Coronel Bolívar, nas campanhas libertadoras; esteve com San Martín, na libertação dos Andes e brilhou nas campanhas platinas. Na guerra do Tríplice Aliança (1865-1870), as formações montadas de todos os países envolvidos no conflito

maior e o mais sangrento desta parte do Continente — desempenharam papel de relevo e, algumas vezes, decisivo. É confortador para nós, brasileiros, constatarmos a proeminência que alcançaram, na guerra contra o governo paraguaio da época, os Chefes da Cavalaria imperial, pela maneira brava e eficiente como dirigiram suas tropas. Andrade Neves e, sobretudo, Osório legaram às gerações posteriores preciosas lições, não apenas de arrebatado arrojo, mas também de judicioso emprego da Arma dos amplos espaços.

Durante o período entre 1871 e 1914, os exércitos preocuparam-se em explorar as possibilidades dos novos armamentos. Contudo, alguns cavalarianos, embalados pelas glórias do passado, relutavam em admitir a necessidade de introduzir modificações substanciais no emprego da Arma montada. Assim é que, imbuídos do espírito do século anterior, saltaram agilmente a cavalo quando irrompeu a 1ª Guerra Mundial, ansiosos por reeditar as gloriosas cargas do passado.

Outro porém era o campo-de-batalha onde estrugiam as granadas e matraqueavam as metralhadoras. Até mesmo a Infantaria, menos vulnerável do que a Cavalaria às armas de tiro tenso, mergulhou nas profundezas das trincheiras que se estendiam dos Vosges ao Mar do Norte. De um lado e do outro de um intrincado sistema de valas, fossos, túneis e rolos de arame farpado, os exércitos oponentes mantinham-se estáticos, tendo de permeio uma faixa de terreno — a "terra de ninguém" — constante-

mente batida pelo fogo. Neste cenário desolador, pouco havia para fazer com uma Arma de vocação manobreira. E eis a Cavalaria combatendo como Infantaria, cavando trincheiras, lançando granadas e batendo-se à baioneta. Para isto, foi sendo dotada de armamento e equipamento mais pesados, incorporando frações de petrechos e de sapadores. Mas, nostálgica de suas verdadeiras missões, toda vez que se lhe apresentava oportunidade, ei-la empenhando-se em patrulhas, alongando-se em reconhecimentos e lançando-se ao desconhecido para prover segurança ao dispositivo amigo. Ainda durante o 1º conflito mundial, surgiria um novo engenho que, progressivamente, iria revolucionar a guerra — o carro-de-combate — devolvendo à Cavalaria sua mobilidade e potência de choque. Até o deflagrar do conflito de 1939-1945, os cavalarianos de todo o mundo vacilaram entre preservar a Cavalaria dotada do seu meio tradicional de transporte — o cavalo — ou adotar a mecanização total. Os grandes estudiosos da guerra, porém, de pronto vislumbraram nos blindados os continuadores naturais da gloriosa Cavalaria.

Conquanto na 2ª Guerra Mundial ainda se registrasse o emprego de massas de Cavalaria montada, organizadas até mesmo em GU, como na Polônia e na Rússia, o "tanque" viria a predominar no campo-de-batalha moderno. E, se foi banido do combate o cavalo, nobre e fiel amigo de tantas e tão memoráveis campanhas, não desapareceu a Cavalaria, rediviva nas

formações de blindados que lhe restauraram o poder de choque e aumentaram sua potência de fogo e sua mobilidade.

AS MISSÕES E OS MEIOS

O imenso desenvolvimento experimentado, nas últimas décadas pela ciência e pela tecnologia ocasionou profundas alterações na arte militar. Todavia, permanecem válidos os princípios básicos da guerra e continuam a existir necessidades fundamentais para o exercício do comando dos exércitos. Assim, segurança, surpresa, economia de meios e manobra ainda são princípios orientadores na busca da vitória. Da mesma forma, informações precisas e permanentes, cobertura, manutenção da iniciativa e reserva potente e móvel continuam a ser necessidades prementes, sentidas por todos os chefes militares em operações.

A validade daqueles princípios e a permanência dessas necessidades põem em evidência a atualidade da única Arma capaz de atender a uns e a outras. Com efeito, a Cavalaria, por suas características, hoje como ontem, está presente em todas as fases da batalha. Pelo reconhecimento e a cobertura — missões que atualmente desempenha com maior efetividade e profundidade, graças aos modernos meios aéreos e terrestres de que dispõe — a Cavalaria atua antes mesmo do contato das massas oponentes. Na batalha defensiva, seu poder de fogo e sua mobilidade, enormemente aumentados com os blindados, permitem-lhe retardar o inimigo, vigiar os

flancos, tapar brechas e desferir poderosos contra-ataques. Na ofensiva, suas características tradicionais, agora incrementadas, de mobilidade e potência de fogo e de choque, tornam-na naturalmente apta para as manobras envolventes e as penetrações profundas, bem como para as rupturas das posições inimigas e o consequente aproveitamento do êxito. Após a batalha, suas características e seus meios indicam-na para as missões de perseguição, em caso de sucesso, e de cobertura, no caso contrário.

Aí estão, sem dúvida, as mesmas missões desempenhadas secularmente pela Cavalaria. Agora, como no passado, cabe-lhe a honra de abrir e de encerrar a batalha e dela participar ativamente. O que mudou foram os meios, que antes de restringir, hoje aumentam suas possibilidades. Carros-de-combate, viaturas blindadas de reconhecimento, material eletrônico de comunicações e de localização de alvos, armamento potente e, até mesmo, aviões leves e helicópteros constituem o elenco dos meios com que a Cavalaria se apresenta nos teatros de operações, cumprindo as mesmas missões que fizeram dela incomparável instrumento da glória dos capitães de todos os tempos.

Ressalte-se, também, a adequabilidade da Arma ao ambiente de guerra nuclear. Sendo a dispersão uma necessidade nesse ambiente, a fim de evitar a formação de alvos compensadores ao emprego da arma nuclear, criam-se mais amplos espaços para a manobra, favorecendo o emprego da Cavalaria. A este aspecto soma-se a proteção que a

blindagem oferece contra os efeitos da explosão nuclear, sejam os do sopro como os do calor e os da radiação, tornando-a menos vulnerável que as formações que combatem sem aquela proteção.

Também na guerra de guerrilha a Cavalaria moderna apresenta-se com excelentes possibilidades. A capacidade que têm suas unidades de reunir-se rapidamente e de atacar potentemente, empregando inclusive helicópteros, a par da sua relativa invulnerabilidade aos tiros das armas de pequeno calibre, próprias dos guerrilheiros, tornam-se extremamente aptas para esse tipo de conflito.

CONCLUSÃO

A Cavalaria é tão atual na guerra moderna quanto o foi no passado. Hoje, como ontem, ela participa de todas as fases da batalha, utilizando meios que lhe aumentaram colossalmente a eficiência. O mesmo espírito audaz, desportivo e fidalgo, que levava cavaleiro de outrora a empunhar a lança e arrojarse ao encontro do inimigo, anima o cavalarião blindado.

A substituição do cavalo pelos carros-de-combate não representa o abandono das preciosas tradições da Arma. Ao contrário, representa o reencontro da Cavalaria com suas tradicionais características e com suas genuínas missões, agora cumpridas com maior eficácia, presteza e profundidade. O "espírito da arma", esse poderoso sentimento que cataliza, na alma do soldado, as virtudes cavalheirescas, generosas e viris de uma nobre

estirpe está hoje integralmente preservado na Cavalaria blindada, como estará amanhã na Cavalaria aérea e em qualquer outro tipo que venha a surgir, em consequência da adoção de novos meios de combate.

BIBLIOGRAFIA

- "CAVALRY - *The history of mounted warfare*" - John Ellis - Westbridge - Published in Canadá by Douglas David and Charles Ltd - 1945.
- "SAUMUR" - General Durosoy - Charles Lavanzelle - Paris/Limoges - 1978.
- "HISTOIRE DE FRANCE - *Des origines à 1970*" - Duc de Castries-Éditions Robert Laffont - Paris - 1971.
- "C 2 - 1 - *Manual de Campanha - Emprego da Cavalaria*" - EME - 1ª Ed 1981.
- "HISTOIRE ILLUSTRÉE DES ARMES ET ARMURES" - Éditions Princesse - Paris - 1978.
- *Conferências da Missão Militar Francesa* - Escola de Estado-Maior - 1925.
- "LE MONDE FASCINANT DES CHEVAUX" - Octopus Books Ltd - Traduction française de Gründ - Paris - 1977.
- "LA GRANDE ARMÉE" - Georges Blond - Éditions Roberto Laffont - Paris - 1979.
- "LE COSTUME, L'ARMURE ET LES ARMES AU TEMES DE LA CHEVALERIE" - Liliane et Fred Funken - Casterman - Belgique - 1977.
- "NAPOLEÓN - 20 ANS DE CAMPAGNES" - Commandant Henry Lachouque - 3. Arthaud Paris - 1969.
- "VIVAT HUSSAR" - Revue de l'Association des Amis du Musée International des Hussards - n.º 14 - Tarbes - France - 1979.

- "LES MARÉCHAUX DE NAPO-LÉON" - Louis Chardigny - Bibliothèque Napoléonienne - Tallandier - Paris - 1977.
- "OSÓRIO - Síntese de seu perfil histórico" J. B. Magalhães - BIBLIEX-1978.
- "DICTIONNAIRE ENCYCLOPÉDI-QUE LAROUSSE" - Librairie Larousse - Paris - 1979.
- "HISTOIRE UNIVERSELLE ILLUS-TRÉE" - Éditions Rencontre Lausan-ne - Librairie Hachette - France - 1968.



O Cel Cav R/1 Nilson Vieira Ferreira de Mello, natural do Rio de Janeiro, tem os seguintes cursos militares: Formação de Oficial pela Escola Militar de Resende (atual Academia Militar das Agulhas Negras), Curso de Guerra Química, pela Escola de Instrução Especializada, Curso Técnico de Motomecanização, Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais e Curso de Comando e Estado-Maior. É Bacharel em Ciências Administrativas e tem curso de pós-graduação em Jornalismo pela Academia Brasileira de Letras. Até recentemente exerceu a função de Subchefe do Estado-Maior do Comando do IV Exército.